

# GARIMPANDO PATRIMÔNIO NOS FAZERES E EXPERIÊNCIAS DE PANTANEIROS DE JOSELÂNDIA

Suíse Monteiro Leon Bordest<sup>1</sup>

## Introdução e Contexto

O artigo versa sobre reflexões sorvidas da contribuição de são-pedrenses de Joselândia na formação sociocultural pantaneira vivenciada pela autora em trabalho de campo. Nesse sentido, relata aspectos de diferentes atividades nessa comunidade, evidenciando a singularidade nos fazeres e experiências no processo de constituição social pantaneiro, que, em muitos casos, sugerem formas de superar as adversidades do meio. Extraímos, dessa reflexão sobre São Pedro de Joselândia, uma área do Sul do Pantanal Mato-Grossense (Fig.1), peculiaridades culturais que poderão servir como potencialidade turística e motivação aos visitantes.

Fig. 1: Contexto espacial de São Pedro de Joselândia.



Fonte: Bordest (2010)

Formando a maior planície inundável do mundo, o Pantanal Mato-Grossense situa-se numa área de, aproximadamente, 220.000km<sup>2</sup>, que se distribui pelos Estados de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul. Rios de diferentes dimensões cortam o Pantanal e lançam suas águas no rio Paraguai com pequena velocidade, em consequência da pouca declividade do terreno e de seu escoamento incompleto. O resultado é um ambiente alagado, bastante rico em nutrientes, graças ao depósito de sedimentos trazidos pelos rios. Desse conjunto resulta a preciosidade da vida no Pantanal, onde convivem milhares de espécies de animais. Dentre suas inumeráveis riquezas, a fauna, sem dúvida, é uma das mais marcantes características da região. Perfilando os corpos d'água estão as matas ciliares, importantes para o ecossistema e por servirem de abrigo a inúmeras aves do continente. Destaca Zysman Neiman (1989) que, em seu conjunto, o Pantanal é um dos mais complexos ecossistemas brasileiros, imponente por sua beleza e riqueza de vida, porém, extremamente frágil, dada a delicadeza das intrincadas relações de seus componentes. Suas as palavras:

O Pantanal foi território de diversas tribos indígenas, principalmente os Bororó e Guató. Hoje vive na região uma população que em sua maioria descende desses índios e é formada por um tipo humano bastante característico: o peão pantaneiro. Trata-se de um mestiço que se acostumou a viver de acordo com as peculiaridades de seu ambiente. (NEIMAN, 1989, p. 65).

Neiman (1989) comunica que, no Pantanal, a pecuária implantada no século XVIII, por mais de duzentos anos, se desenvolveu de forma extensiva. Grandes fazendas reuniam o gado criado à solta que se misturava com os rebanhos vizinhos, convivendo pacificamente com outros animais silvestres sem provocar doenças e desequilíbrio no ambiente. A partir de meados do século XX, começaram a ocorrer mudanças mais radicais com a entrada de novas raças de gado, construção da Transpantaneira, desmembramento das propriedades, abate clandestino de animais e peixes, atropelamento de animais silvestres nas estradas, depredação por turistas desavisados, uso de agrotóxicos, exploração de minérios, implantação de grandes projetos econômicos etc.

Apesar do grande número de pesquisas desenvolvidas nas áreas pantaneiras, o conhecimento sobre o funcionamento desse complexo ecossistema ainda é insuficiente (BORDEST, 2002). A mobilização para conservação e uso sustentável do Pantanal, que tem o desafio de cuidar, proteger e usar racionalmente o maior santuário ecológico do planeta, uma das maiores áreas úmidas ainda preservadas, deve envolver não apenas a comunidade científica, mas também e principalmente a comunidade local.

Apresentamos, na sequência, resultado de pesquisa desenvolvida pela autora e mestrandas do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFMT, no contexto do Programa de Pesquisas Ecológicas de Longa Duração – PELD-Pantanal –, com base nas observações e entrevistas efetuadas nos dias 29, 30 e 31 de março de 2004, na comunidade pantaneira de São Pedro de Joselândia, no início da vazante das águas.

O povoado de São Pedro, associado às localidades de Pimenteira, Retiro e São Luís, compõe o distrito de Joselândia no Município de Barão de Melgaço, no Sul do Estado de Mato Grosso, no âmbito do Pantanal de Barão de Melgaço. No povoado são-pedrense pudemos compartilhar experiências no cotidiano de indivíduos de uma região que se submete anualmente às inundações, decorrentes das cheias dos rios que invadem as planícies e pantanais na época de verão, guardando belezas inimagináveis refletidas *nas cores e sons* de suas paisagens.

Esse povo aprendeu ao longo dos tempos, a viver em harmonia com o meio ambiente tirando seu sustento da pecuária e da agricultura de subsistência preservando a natureza.

Esquadrinhando a cultura pantaneira, denotando atrativos para o turismo de base local, buscamos respaldo para nossas indagações nos relatos de moradores da comunidade ribeirinha de São Pedro de Joselândia. Como já frisamos em outras oportunidades, entendemos o Turismo Diferenciado (eco-cultural, rural) como opção conveniente ao Pantanal, por se tratar de atividade social e econômica, baseada em

concepções de desenvolvimento e responsabilidade ambiental, capaz de interagir processos ambientais de diversas naturezas. (BORDEST, 2010).

Buscando conhecer seus atrativos turísticos, perguntamos: *Que concepções têm os moradores sobre o patrimônio cultural em suas comunidades? Quais são esses bens patrimoniais?*

Com os fragmentos das palavras dos moradores, subsidiamos nossas reflexões, socorrendo-nos de apoio nos aportes fenomenológicos de Merleau-Ponty (1996), por meio da descrição e interpretação de narrativas. Nesse sentido, intentamos descrever nossos sujeitos, contextualizados em seu ambiente. Partindo do empírico, acreditamos poder alcançar saberes cada vez mais amplo, na continuidade da pesquisa.

### **Percurso Metodológico**

No enfoque fenomenológico de Merleau-Ponty (1996), na topofilia de Tuan (1980), buscamos apoio teórico para captar, na essência das palavras, as experiências de vida da comunidade, na qual se inscrevem os sujeitos desta investigação. Desse modo, empenhamos esforços para compreender os fenômenos por meio das narrativas dos indivíduos da comunidade.

Até chegarmos ao povoado de São Pedro, aproximadamente 180 km de Cuiabá, trilhamos caminhos de terra e água. Partindo de Cuiabá, passamos pela cidade de Poconé, por Porto Cercado e pelo Hotel SESC Pantanal (Fig. 2).

Fig. 2: Águas de Vazante. Pantanal de Barão de Melgaço.



. Foto: Bordest, 2004.

Daí por diante, percorremos somente caminho de água, atravessando rios, baías e *corixos*. O final dessa viagem de barco – a motor, a remo, não raro recorrendo a zinga em lugares de pouco fundo – é o começo da nossa pesquisa em São Pedro, onde coletamos dados entrevistando seus moradores.

Dessa viagem, restrita à permanência em São Pedro, manifestada através da riqueza de elementos do ambiente natural, social e cultural, obtidos da observação *in loco*, bem assim de registros orais e fotográficos, apresentamos resultados para pensar a relação cultura - turismo nesse rincão pantaneiro. (Fig. 3).

Fig. 3: São-pedrense e águas pantaneiras de Barão de Melgaço.



Foto Bordest, 2004

### **Particularidades do Patrimônio Cultural São-Pedrense**

Fragmentos das entrevistas realizadas com os são-pedrenses, passadas pelo crivo de uma visão turística, estão descritos conforme tivemos oportunidade de observar naquela visita.

Na localidade de São Pedro de Joselândia, referências históricas e fatos culturais patenteiam singularidades na vida do pantaneiro em simbiose com os contornos natural e cultural em seus diferentes aspectos: edificações, alimentação, educação, saúde, trabalho, celebrações, saberes e fazeres.

Ficou esclarecido que poucas pessoas de São Pedro acreditam no resultado positivo do turismo no local, dado que os pantaneiros vivenciam inúmeras dificuldades em torno da falta de estrutura: estradas, saneamento, água potável, etc. Além disso, são vivas as lembranças das tentativas fracassadas de turismo de pesca no rio Cuiabá, havidas na década de noventa, das quais muitos deles participaram,

levando sua cultura para algumas pousadas (BORDEST, 2010). Se bem assim, em seus relatos os entrevistados se mostraram abertos às práticas turísticas culturais, como possibilidade de franquear-lhes melhores condições de vida, alegando, no mais das vezes, a ausência de informações e a inexistência de profissionais competentes para orientá-los.

### **Potencialidade para o Turismo Diferenciado**

Entrelaçando cultura e turismo, destacamos, a seguir, algumas das não poucas possibilidades para o turismo diferenciado na região de São Pedro de Joselândia:

- A) *A prática tradicional da agricultura de subsistência, criação de gado e pesca – realizada pelos trabalhadores rurais, decorrente de um longo aprendizado que se transformou em saber local, embora necessite de assistência e tecnologia adequadas à época.*

Os pantaneiros nos ensinam que é possível praticar o que chamamos de manejo natural para sociedades sustentáveis no lugar. Ao contrário da agricultura, a pecuária extensiva e a pesca artesanal, como há muito vêm sendo praticadas, são atividades compatíveis e que, se bem realizadas, não causam grande dano ao ambiente. Sobre a pesca nos rios e demais corpos d'água pantaneiros, entende-se que diversas medidas se fazem necessárias. Entre elas, é preciso investigar mais detalhadamente os aspectos biológicos das espécies de peixes existentes no Pantanal, para conhecer-lhes os hábitos alimentares e reprodutivos. Indispensável fornecer, aos moradores, conhecimentos básicos sobre o funcionamento do ecossistema. Em suma, seria preciso municiá-los com mecanismos que pudessem valorizar a prática tradicional da agricultura de subsistência, criação de gado e a pesca tradicional. A troca de conhecimentos contemplaria o turismo cultural. Em acréscimo, impulsionaria o pensar sobre a pesca esportiva, um dos problemas sérios que afligem os ambientalistas em torno do turismo no Pantanal.

B) *Os eventos religiosos e profanos* - aguardados durante o ano e programados com antecedência. Entre as inúmeras comemorações, ali são realizadas a Festa de São Pedro, a Festa de Nossa Senhora Aparecida e a Corrida ou *Pareia* de Cavalo.

Na tradição religiosa de São Pedro estão algumas potencialidades culturais que podem servir de base para o turismo. Comemora-se o dia de São Pedro, o padroeiro, no mês de junho: dia 28, missa, seguida de levantamento de mastro e reza; no dia 29, missa pela manhã, sequenciada pelo almoço comunitário; à noite apresentação do siriri e do cururu. Outro momento cercado de grande expectativa pela comunidade é a Festa de Nossa Senhora Aparecida, comemorada no dia 12 de outubro. A corrida de cavalos, em meio aos pantaneiros conhecida como a *Pareia de Cavalo*, constitui importante momento de diversão e confraternização entre os são-pedrenses e pessoas das comunidades vizinhas.

C) *Outros bens materiais e imateriais* - hídricos, animais, vegetais, minerais, músicas, comidas, odores, cores e sons do Pantanal. São elementos prontos para serem aproveitados e transformados em produtos para o turismo.

O viajante amante da natureza pode se deleitar com os encantos do Pantanal, sobressaindo à viagem pelas águas do rio Cuiabá, conforme descrição de Bordest:

Em meio ao pantanal, nas águas espaiadas do rio Cuiabá, passando por baías e *corixo*, a variedade vegetal deixa entrever luzes e cores refletidas no chão arenoso de águas rasas e límpidas, construindo cenários acompanhados de sons de pássaros, animais e vento". (BORDEST, 2010, p. 102).

Milhares de espécies de animais convivem em áreas pantaneiras, registrando que a riqueza hídrica e da fauna ainda se encontra bem representada em Joselândia. Os viajantes ficam maravilhados com as copas das árvores ocultas pelas aves, a exemplo dos tuiuiús, e com as margens de rios e lagoas apinhadas de garças, prontas para a revoada. A riqueza hídrica é responsável pelos campos cobertos de herbáceas para pastagem, e por riachos e *corixos* piscosos. Seus rios

estocam peixes, como pacu, piraputanga, pintado, traíra, dourado, pacupeva, piranha e curimatá. Junto com a carne, constituem a base da alimentação ribeirinha. O peixe enseja a feitura de pratos muito apetitosos. De notar a tradicional *mojica*, prato que se distingue na culinária mato-grossense, mistura de pintado com mandioca, temperado com cheiro-verde, alho, cebola e tomate. É de lamber os beiços!

Outra particularidade: as mulheres de São Pedro encartam papel importante em seu meio ambiente. São elas que cuidam da casa, dos filhos, dos quintais e das plantas. Conhecem muito a flora e dela se utilizam para várias finalidades: chás, licores, *benzeção*, etc. Em certa ocasião, pudemos ouvir de uma mulher, portadora de uma braçada de folhas, tidas como plantas medicinais: “[...] mulher, quando sai de casa, volta com um folharal”. (2010, p.105).

Essa ligação das mulheres com a casa, com plantas e animais, é tradição na ruralidade pantaneira, e se reveste de feição relevante para a modalidade Turismo no Espaço Rural (TER), que já acontece com sucesso em países estrangeiros: Espanha, Portugal e França. Igualmente em algumas regiões do Brasil. Começa a receber incentivo no Pantanal.

D) *Feira mensal dos aposentados* - comparável a tantas outras famosas no país, é iniciativa que já está pronta para se tornar atrativo turístico.

Por sua originalidade, pontuamos aqui a feira mensal de São Pedro, localmente denominada *feira dos aposentados*. A exemplo do que se deu em outras partes do país – Caruaru (CARDOSO, 1965), Feira de Santana, Campina Grande –, também em São Pedro de Joselândia, uma vez ao mês, essa comunidade se vê tomada de grande movimento, pois nela se realiza a *Feira do Dia dos Aposentados*. O espaço ocupado pela feira atinge boa área, no entorno do largo da Igreja de São Pedro, e se expande pelas circunvizinhanças. Além dos habitantes da comunidade, que nela fazem suas provisões, outros moradores dos arredores aí vendem seus produtos e adquirem tudo aquilo que necessitam, servindo ainda como referencial de

encontro para muitos que só se avistam nessa oportunidade. Nessa feira, vende-se de tudo: os são-pedrenses trazem principalmente os produtos de suas lavouras e de sua pequena criação. Pequenos artesãos, por sua vez, transportam à feira tudo aquilo que conseguiram produzir. E, assim, expostas em barracas ou espalhadas pelo chão observa-se uma variedade de produtos regionais; mas a seu lado, figuram também outros, adquiridos de cidades próximas, quando não da capital. O aspecto desta feira é, realmente, o mais interessante, dada não só a variedade dos produtos ali desfilados como também a oportunidade do recebimento dos salários dos aposentados. Frutas típicas do Centro-Oeste, como genipapo, jatobá, pitomba, cajá, caju, seriguela, manga, pinha e bananas se somam a legumes e cereais: arroz, feijão, fumo, charque. Ao lado, se estendem os mais variados artigos: sapatos, botas, chapéus, chicotes, roupas, redes, objetos de madeira ou barro, cestas, etc. Barracas servem pratos típicos do Pantanal. O tocador de viola e o barbeiro, entre outros, participam da feira de São Pedro. A feira é realmente um grande acontecimento na vida da aglomeração e na daqueles que habitam áreas vizinhas, refletindo-se em outros setores locais, notadamente nas casas comerciais.

Acreditamos que, bem direcionadas, essas práticas e costumes dos são-pedrenses poderão se transformar em produtos turísticos, valorizados pelo Turismo Cultural e Rural, bem assim pelo Ecoturismo. Em muito contribui, desse modo, para a manutenção do patrimônio da cultura material e imaterial dessa comunidade.

## **Finalizando**

Constatou-se, ouvidos atentos às palavras dos entrevistados, que a organização interna do povoado já vem recebendo influências que resultam em pequenas ou grandes modificações. Grandes projetos econômicos implantados no Pantanal, a exemplo do da Camargo Corrêa, que adquirem extensas propriedades na região, contribuem para aumentar a oferta de empregos, mas provocam mudanças de hábitos do peão pantaneiro, que tende a deixar de lado o respeito pela natureza e partir para atividades mais lucrativas. A implantação da Reserva

Particular do Patrimônio Natural (RPPN), SESC-Pantanal, com a justificativa de proteger o patrimônio pantaneiro, também engendrou problema para os costumes dos autóctones. Tudo isso exige atitude, que possa proteger o arsenal cultural são-pedrense. O sentimento de amor pela terra natal não será, por si só, suficiente para mantê-los em seu chão, diante dos problemas globais, se não forem tomadas providências. Retomando a toponímia de Tuan (1980), vale lembrar que, neste contexto, “lugar” traduz os espaços com os quais se têm vínculos afetivos, referências pessoais e sistema de valores.

Observamos que, em São Pedro de Joselândia, há potencialidades que podem colaborar no desenvolvimento do turismo. A atividade turística, comumente interpretada e descrita como propulsora de forte impacto socioambiental, numa perspectiva inversa pode vincular-se a uma proposta de programa turístico para sociedades sustentáveis, com a proposição de outra forma de pensar a cultura pantaneira, voltada para o desenvolvimento de uma proposta de *turismo responsável*, que, atrelado a estratégias educativas ambientais, considere prioritariamente a questão da participação e envolvimento comunitário. Embora, no vilarejo de São Pedro, pouco se fale em turismo, foi nossa intenção assinalar esta possibilidade como opção para o desenvolvimento local.

Retomando Bordest (2004), acreditamos que além do *caminho de águas*, igualmente interessante seriam outros roteiros turísticos por terra, partindo de Cuiabá, passando pelas tradicionais comunidades ribeirinhas de Santo Antônio de Leverger, por Mimoso – a terra de Rondon, Patrono das Comunicações – e prosseguindo para Joselândia, inserindo e envolvendo o turista na cultura mato-grossense, possivelmente através de uma *Estrada Parque da Cultura Ribeirinha*, em três municípios: Cuiabá, Santo Antônio de Leverger e Barão de Melgaço.

## Referências

BORDEST, S. M. L. **Potencialidade turística de Mimoso e o olhar do autóctone**. Cuiabá: Gráfica PRINT, 2002.

BORDEST, S. M. L. **São Pedro de Joselândia**: ouvindo a comunidade para fins turísticos. Relatório I, PELD. UFMT. Cuiabá, 2004.

BORDEST, S. M. L. Vivências pantaneiras e mato-grossenses. In: **Educação ambiental e cenários do universo pantaneiro**. Cuiabá: EdUFMT, Fapemat, 2010, p. 99-111.

CARDOSO, M. F. T. Caruaru: a cidade e sua área de influência, **Revista Brasileira de Geografia**, Rio de Janeiro, n. 04, out-dez, 1965, p. 507-513.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

NEIMAN, Z. **Era verde? Ecossistemas brasileiros ameaçados**. São Paulo: Atual, 1989.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia**: um estudo de percepção, atitudes e valores do meio ambiente. São Paulo: DIFEL, 1980.

---

## RESUMO

O artigo cuida de reflexão sobre as relações sociais de uma comunidade pantaneira mato-grossense em São Pedro de Joselândia, Mato Grosso. Tem como objetivo ressaltar aspectos da cultura material e imaterial dessa comunidade para encaminhar a discussão sobre potencialidade ao *turismo diferenciado* (eco-cultural, rural). Das entrevistas realizadas com moradores de São Pedro de Joselândia, extraímos *peculiaridades culturais* que poderão ser reinventadas como *potencialidade turística*. A observação *in loco* e a interpretação dos dados dos sujeitos pesquisados, transitaram na base fenomenológica de Merleau-Ponty e na percepção de Tuan, com o entendimento de que o mundo não é acessível independentemente dos sujeitos que o produzem.

**Palavras-chave:** Cultura Material. Cultura Imaterial. Turismo Cultural. Pantanal. Mato-Grosso. Joselândia.

## ABSTRACT

This article is a reflection on the social relation of a community from the tropical wetland from the State of Mato-Grosso, in the city of São Pedro de Joselândia, State of Mato Grosso. It aims to highlight the aspects of the material and immaterial of the culture of this community in order to direct the discussion about the potentiality to the different kinds of tourism (ecological and cultural, rural). From the interviews carried out with the inhabitants of São Pedro de Joselândia, were extracted cultural peculiarities that can be reinvented as touristic potentiality. The *in loco* observation and the interpretation of the researched subjects' data, were based on Merleau-Ponty's phenomenological method and Tuan's topophilia, with the understanding that the world is not accessible regardless of the subjects that produce it.

**Keywords:** Material Culture. Imaterial Culture. Pantanal Matogrossense. Cultural Tourism. Mato Grosso. Joselândia.

---

**Sobre a autora:**

<sup>1</sup>Suíse Monteiro Leon Bordest – <http://lattes.cnpq.br/4565480461219980>  
Geógrafa. Doutora em Geociências. Professora do Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGGEO). Instituto de Ciências Humanas e Sociais - ICHS. Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT).  
Contato: [bordest@uol.com.br](mailto:bordest@uol.com.br)